

O que faz desta coleção de fotos uma obra singular — a ponto de ser um dos raros trabalhos de autor brasileiro com inserção consolidada no mercado internacional de colecionadores — é a relação de Rogério Reis com a própria fotografia, com o Outro, com a vida. Em outras palavras, é ele, o fotógrafo, quem faz a diferença. Isso é ser autor.

Em *Na Iona* desapareceu aquela dimensão exótica-espetaculosa do carnaval mediático. A festa é vista apenas como um momento privilegiado de expressão coletiva através da expressão individualizada.

O essencial deste trabalho é ter posto a fotografia a serviço da representação do Outro, a partir da máscara que revela mais do que esconde.

Não é à toa que a clássica máscara do teatro grego — a *prosopon* — está na origem da palavra pessoa, através da forma latina *persona*.

Também aqui as máscaras (no sentido amplo de representações de si) expõem e definem as pessoas, personagens de um amplo mosaico de tudo o que somos como humanidade.

A profusão de cores que faz a festa no carnaval mediático revela-se acessória e irrelevante neste diálogo entre a expressão do fotografado e o olhar do fotógrafo, que extrai em preto-e-branco o essencial desse encontro. É a esse olhar, tão bem instrumentalizado pela técnica e pela vida — e através dele ao nosso —, que a pessoa que habita a máscara se apresenta. Cada fotografia encerra, na verdade, um ato perfeito e completo de representação de si feito para um público imaginário contido nesse olhar, que convida, incita, permite e alicia. Foi assim que Rogério Reis deu passagem a essas personagens e as fez chegar até nós, intactas nas suas verdades fantasiosas.

A boa fotografia é aquela que funciona como um trampolim para a gente mergulhar na vida. Qualquer pessoa sensível, ao contemplar com atenção as fotos reunidas neste livro, há de sentir o peso da vida sobre o próprio olhar, eis o mergulho.